

Texto traduzido e adaptado do capítulo 11, “Morphological Change” (pp. 219- 236), em Winfred P. Lehmann, *Historical Linguistics: An Introduction* (1962, 3.^a edição, 1993, reimpressão de 1994. Londres e Nova York: Routledge)

A MUDANÇA MORFOLÓGICA

11.1. Bases para a mudança fonológica

Por estarem compostos de elementos que possuem tanto significado como forma, os sistemas morfológicos exibem uma estrutura mais coesa do que a dos sistemas fonológicos, nos quais os elementos possuem apenas forma; não significam nada. Consequentemente, os componentes dentro do sistema morfológico de uma língua, especialmente os itens que ocorrem dentro de paradigmas flexionais, tendem a se influenciar mutuamente. Tal influência, a que nos referimos como a *analogia*, constitui uma das duas bases principais para a mudança morfológica.

De modo a exemplificarmos a proximidade dessas inter-relações, podemos examinar as três primeiras pessoas do singular do presente do indicativo nos verbos indo-europeus. Essas formas da raiz protoindo-europeia (eu) **bher-* apresentam as seguintes formas em sânscrito:

<i>bhárāmi</i>	“eu levo”, “carrego”
<i>bhárasi</i>	“tu levas”, “carregas” (você leva/carrega)
<i>bhárati</i>	“ele/ela leva”, “carrega”

Cada forma consiste de três elementos: a raiz sânscrita *bhar-*, a vogal temática *-a/ā-*, e as desinências, *-mi*, *-si*, *-ti*. As formas são altamente simétricas, com a exceção da vogal longa no meio da primeira pessoa. Noutros respeitos, as estruturas exibem um bom paralelismo entre o significado e a forma. A raiz *bhar-* junto com a vogal seguinte comunica o significado léxico de “levar”, “carregar”, os três elementos *-m-*, *-s-*, *-t-* transmitem o significado gramatical de pessoa, e o segmento *-i* serve para indicar o tempo presente.

Se compararmos as formas do sânscrito com as da raiz correspondente no grego, encontramos:

<i>phéro</i>	“eu levo”, “carrego”
<i>phéreis</i>	“tu levas”, “carregas” (“você leva/carrega”)
<i>phérei</i>	“ele/ela leva”, “carrega”

As desinências gregas diferem marcadamente das do sânscrito. Para a primeira pessoa do singular podemos notar também *ferō* do latim. Na base da equivalência entre as formas latinas e gregas, reconstruímos **bherō* no protoindo-europeu para a raiz flexionada do verbo “levar”. O reflexo sânscrito *bhárāmi*, entretanto, precisa ser explicado. Atribuímos a flexão *-mi* a uma adição que difundiu da conjugação atemática, que exibia a referida desinência. Tal forma ainda sobrevive residualmente noutra línguas indo-europeias, por exemplo, *am* “sou” em inglês. A mudança da desinência sânscrita em *bhárā* (que ainda é atestada em algumas formas do subjuntivo) para a desinência em *bhárāmi* se explica facilmente pelos esforços dos falantes de conseguir um paralelismo formal entre as três formas, ou seja, ela ocorreu *por analogia*.

Na segunda pessoa, a mudança fonológica interrompeu o paralelismo no grego. Ainda que as explicações sobre as origens das terminações possam ser diferentes, dependendo do ponto de vista do especialista que pergunta, o que é certo é que uma perturbação paradigmática foi introduzida pela perda do /-s-/ intervocálico em grego, o que gerou a forma **phérei* a partir de **bhéresi* do PIE. A seguir, o resultado dessa mudança foi influenciado pela desinência secundária da segunda pessoa do singular {-s}, tal como aparece no pretérito imperfeito, p. ex., *épheres*. Por conseguinte, explicamos a forma da segunda pessoa do singular no grego através da outra grande base da mudança morfológica, ou seja, a mudança sonora, seguida pela analogia. Tal como os neogramáticos indicavam, a mudança sonora opera de uma maneira regular: todos os /-s-/ intervocálicos foram eliminados da língua grega. No entanto, as formas produzidas por esse processo ~~não~~ pareciam estar em desacordo com o resto do paradigma verbal. Assim, um /-s-/ final foi acrescentado por analogia.

A terceira pessoa do singular no grego é ainda mais problemática. Não é possível derivá-la do reflexo ancestral do PIE, **bhéreti*, porque os resultados no dialeto dórico teriam sido **phereti* e **pheresi* no dialeto ático, nenhum dos quais é atestado. Para explicar a forma encontrada (*phérei*), é preciso recorrer à noção de uma criação analógica que foi baseada na forma da segunda pessoa do singular *phéreis* por analogia com as desinências do pretérito imperfeito, ou seja, 2.^a pess. sing. *épheres*, 3.^a pess. sing. *éphere*, em que o morfema {-s} distingue a segunda pessoa do singular da terceira pessoa do singular.

O paradigma verbal grego, portanto, evidencia mudança tanto analógica quanto fonológica.

Ao estudarmos o mesmo paradigma no gótico, por outro lado, deparamos apenas com exemplos da mudança fonológica:

baira “eu levo”, “carrego”

bairis “tu levavas”, “carregas” (você leva/carrega)

bairiþ “ele/ela leva”, “carrega”



A raiz gótica é pronunciada [ber]. O [o:] longo na primeira pessoa do singular se tornou

em [a] regularmente, sendo que as vogais breves finais eram elididas no germânico, tal como podemos ver na segunda e terceira pessoas do singular, se as comparamos com os cognatos gregos e sânscritos. Também, em gótico, o /-e-/ PIE se manifesta como /-i-/, exceto diante de /r/ e /h/ (/h^w/). Dos três paradigmas apresentados aqui, somente o do gótico não sofreu nenhuma modificação analógica. Vale notar, porém, que foi precisamente esse conjunto que foi mais afetado pela mudança sonora. Por exemplo, as vogais nas sílabas átonas foram enfraquecidas ou eliminadas no germânico em decorrência do desenvolvimento de um acento tônico forte na sílaba inicial das palavras.

Os três conjuntos de formas exemplificam as duas bases principais para a mudança morfológica na sua interação. A melhor maneira de adquirir alguns meios para identificar os efeitos dessas bases numa dada língua é de examinar as bases da mudança morfológica em alguns paradigmas que já foram explicados através de investigação exaustiva. Consideraremos uma seleção desse tipo de paradigmas nas seções a seguir.

11.2. Mudanças morfológicas em classes de seleção diferenciadas flexionalmente: os verbos “fortes” [irregulares] do inglês antigo

A história dos verbos regulares, com frequência chamados verbos “fortes”, da língua inglesa nos fornece exemplos excelentes da mudança morfológica dentro das classes de seleção. Os verbos irregulares do inglês antigo são divididos tipicamente entre sete classes em conformidade com a variação vocálica interna que exibem, a qual resulta da apofonia (*ablaut*) protoindo-europeia. Para que possamos resumir as formas possíveis, usam-se as “partes principais”, ou seja, (i) o infinitivo, (ii) a primeira e a terceira pessoas do singular do pretérito do indicativo, (iii) o plural do pretérito do indicativo, e (iv) o particípio. Ilustramos abaixo as sete classes com um verbo exemplar para cada classe:

(i)	Glosa portuguesa	(ii)	(iii)	(iv)	Inglês moderno
1. <i>drīfan</i>	“dirigir”	<i>drāf</i>	<i>drifon</i>	<i>drifen</i>	[drive – drove – driven]
2. <i>cēosan</i>	“escolher”	<i>cēas</i>	<i>curon</i>	<i>coren</i>	[choose – chose – chosen]
3. <i>findan</i>	“achar”	<i>fand</i>	<i>fundon</i>	<i>funden</i>	[find – found – found]
4. <i>beran</i>	“levar”	<i>bær</i>	<i>báeron</i>	<i>boren</i>	[bear – bore – borne]
5. <i>sprecan</i>	“falar”	<i>spræc</i>	<i>spræcon</i>	<i>sprecen</i>	[speak – spoke – spoken]
6. <i>standan</i>	“ficar em pé”	<i>stōd</i>	<i>stōdon</i>	<i>standen</i>	[stand – stood – stood]
7. <i>feallan</i>	“cair”	<i>fēoll</i>	<i>fēollon</i>	<i>feallen</i>	[fall – fell – fallen]

Ademais desses verbos irregulares, existem no inglês antigo uma quantidade significativa de verbos “fracos” ou regulares, classe essa que não cessava de expandir-se, porque quase a totalidade dos novos verbos era flexionada conforme o paradigma regular. Os verbos

regulares exibiam menos formas diferentes do que os verbos irregulares, como as três partes principais exemplificam. Além disso, a única diferença entre o singular e o plural no pretérito consistia nas desinências, por exemplo,

lufian “amar” *lufode lufodon lufod* [*love – loved – loved*]

Nessa situação, com o maior número de verbos possuindo razoavelmente poucas formas, enquanto uma quantidade menor de verbos exibia muitas formas mais, ocorria uma redução do conjunto de verbos irregulares, particularmente no pretérito.

A origem da vogal do pretérito nos verbos irregulares no inglês moderno, tanto do singular como do plural, varia de verbo em verbo. No verbo *drive*, foi a vogal do singular do pretérito que foi generalizada pelo pretérito interno desse verbo (ingl. mod., *drive – drove – driven*). Em *bite* “morder”, entretanto, que também pertencia à primeira classe, a vogal do plural do pretérito é que acabou sendo generalizada (ingl. mod., *bite – bit – bitten*), o mesmo que constatamos com o verbo *find*.

Ao observarmos o desenvolvimento de todos os verbos irregulares em inglês, e a base de selecionar ou as vogais do singular ou do plural do pretérito – ou levando a vogal do particípio, como em *bear, bore, borne* – precisaríamos de uma exposição extensa. Neste caso, estamos interessados em demonstrar a redução analógica das formas, baseada no modelo dos verbos regulares, como *love, loved, loved*. O princípio geral do remodelamento do sistema de verbos irregulares é uma tentativa de distinguir entre o radical do presente e o do pretérito, de acordo com a distinção entre o presente e o pretérito nos verbos regulares, tal como *love*, por um lado, e *loved, loved*, por outro lado. 

No decorrer desse processo, alguns verbos sofreram grandes modificações. Em *choose*, a vogal do particípio foi generalizada ao pretérito, com [ʃ] e com [z], as consoantes do presente e do singular do pretérito, sendo generalizadas por toda parte, de modo que o /-r-/ do inglês antigo foi substituído. No verbo *speak*, o padrão da classe *iv* foi adotado. Em *stand*, a vogal do pretérito foi generalizada ao particípio. Em *fall*, depreendemos as evoluções regulares das formas do inglês antigo, sem que tenha havido novas formas remodeladas.

A história das partes principais dos verbos irregulares ingleses, portanto, exemplifica a atuação de processos extensivos e radicais de remodelamento e de regularização. Quando, tal como em *drāf* [dɾɑ:f], *drifon* ['drivon] ou *cēas* [ʃæ:əs], *curon* [kuron], as diferenças num conjunto são regularizadas, falamos de *nivelamento*.

11.3. O remodelamento das formas flexionadas de verbos irregulares

As desinências flexionais dos verbos irregulares no inglês antigo também passaram por várias modificações em decorrência de mudanças sonoras e da analogia. Podemos investigar esses processos em dois dos principais dialetos do inglês antigo, o saxônico

ocidental (*West Saxon*) e o *northumbriano*¹. Abaixo, apresentamos as desinências do presente do indicativo no *West Saxon* com suas formas ancestrais:

Presente do indicativo

1. sing., *-e* < pré-ingl. ant., *-a* < *-ū*
 2. sing., *-(e)st* < pré-ingl. ant., *-isi* (mais o acréscimo de [-t])
 3. sing., *-(e)þ* < pré-ingl. ant., *-iþi*
- (1, 2, 3) plur., *-að* < pré-ingl. ant., *-anþi*²

Já que o /-i/ que seguia /-e-/ na sílaba do radical provocava a mudança de /e/ para [i] (por metafonia), as formas do verbo *beran* “levar”, “carregar” no dialeto *West Saxon* eram as seguintes (damos as formas no dialeto *northumbriano* também, de modo a prover um paradigma com menos mudanças):

<i>Saxônico ocidental</i>	<i>Northumbriano</i>
1. sing., <i>bere</i>	<i>bero</i>
2. sing., <i>bir(e)st</i>	<i>beres</i>
3. sing., <i>bir(e)þ</i>	<i>beredþ, beres</i> ³
(1, 2, 3) plur., <i>berað</i>	<i>beorað</i>

A mudança do pré-inglês antigo de /e/ > [i] / _i se aplicara de forma regular. Depois das mudanças, o radical *bere*, *birest*, etc., continha duas vogais, diferentemente dos outros verbos que não exibiam tal alternância, como *findan* e *drifan*. Como podemos ver nas formas modernas, o /e/ foi generalizado pelo tempo presente de *bear*, e a diferença entre as vogais acabou sendo nivelada. 

De ainda mais maneiras, os verbos ingleses foram regularizados, de modo que, hoje, qualquer verbo pode exibir até um máximo de cinco formas. Exemplos parecidos de regularização poderiam ser demonstrados de outras línguas que possuem conjuntos de paradigmas.

Durante o nivelamento, é possível que ocorra extensões a partir de formas flexionadas ou derivadas, em lugar das formas básicas. Tais extensões são chamadas de

1 O reino de Northumbria era o mais setentrional dos sete reinos anglo-saxônicos tradicionais. Composto de dois sub-reinos, o Bernícia ao norte e o Deira ao sul, sua extensão territorial abrangia o sul da atual Escócia até a margem norte do rio Humber na Inglaterra, daí o nome.

2 Observe os paralelos formais com as desinências dos verbos latinos, por exemplo, 1. *-ō*, 2. *-s*, 3. *-t*, (1. *-mus*, 2. *-tis*), 3. *-nt*, uma vez que sejam aplicadas as mudanças sonoras da Lei de Grimm, particularmente a espirantização de /t/ em [θ].

3 Note a desinência da 3.^a pess. do sing. em /-s/ no *northumbriano*. Essa flexão do dialeto do norte acabou substituindo a variante meridional em /-θ/ no inglês médio para produzir o morfema moderno, cf., *he/she/it bears*.

derivação regressiva. Um exemplo desse fenômeno são os verbos *flēon* (*flee*) “fugir” e *flēogan* (*fly*) “voar”, os quais eram flexionados do modo idêntico em todas as formas, menos o infinitivo. Tal como vimos em *birest*, *bireð*, as vogais no singular da segunda e terceira pessoas sofreram modificações sob a metafonia e o presente do indicativo apresentava o paradigma seguinte:

1. sing., *flēo*
2. sing., *flīehst*
3. sing., *flīehð*
- (1, 2, 3) plur., *flēoþ*

A primeira pessoa do singular e o plural, com as mesmas vogais do que as de *flēon* se desenvolveram em *flee* do inglês moderno. Esse verbo deveria exibir a seguinte alternância: *I flee, thou fliest, he flies, we/you/they flee*. Em lugar do esperado, um novo infinitivo – *fly* – foi criado. No verbo *flee*, o alomorfe de base foi estendido por todo o tempo presente; em *fly*, um alomorfe flexionado foi generalizado por todo o presente, como uma derivação regressiva.



É possível citarmos ainda outras instâncias de derivações regressivas a partir de substantivos. Quando {-s} veio a ser o marcador geral do plural no inglês médio, o contraste singular x plural era baseado na presença ou na ausência de {-s}, conforme o modelo:

Inglês médio:

sing., *fadar* (*father*) “pai” *fō* (*foe*) “inimigo”
plur., *faders* *fōs*

Alguns nomes que terminavam em /-s/ foram interpretados como plurais e uma nova forma singular foi produzida. Por exemplo, *pes* (*pease*) “ervilha” descende do singular latino *pisum*. O novo singular derivado é atualmente muito difundido, embora a variante antiga sobreviva ainda na canção infantil “*pease porridge hot*”. Igualmente, *buriels* < *byrgels* “tumba” foi identificado como um plural e, assim, um novo singular foi gerado, que, sob a influência da palavra *funeral* “enterro”, foi escrito com <a>. Outros singulares analógicos criados pela derivação regressiva, como *riddle* “adivinha” veio de *redels* do ingl. méd. < *rædels* do ingl. ant., cf., *Rätsel* em alemão, e *cherry* “cereja” que descende de *cheris* (ingl. méd.) < *cherise* do francês antigo. Mais tarde, essa mesma palavra foi tomada emprestada sob a forma de *cerise* que significa “cor de cereja”. Nesses substantivos, foram as novas formas do singular que resultaram da analogia, antes de que formas flexionadas.

Podemos ilustrar mais uma complexidade da mudança morfológica por meio da

forma verbal *eom* do saxônico ocidental (*West Saxon*) (cf., ingl. mod., *I am*). Tal como seu cognato gótico *im* (1ª pessoa do singular do presente do indicativo), a forma saxônica deveria apresentar um /i/ em seu radical, porque se desenvolveu de **és-mi* do PIE, cf., *ás-mi* do sânscrito. No germânico, entretanto, esta cópula passou a ser um verbo composto que continha formas advindas da raiz presente em *be* e da raiz em *was*, além da raiz representada por *is*. A partir de formas do inglês antigo setentrional como *bīom* e *bēom*, podemos pressupor que *eom* do saxônico ocidental se trata de uma combinação em que percebemos a consoante da raiz **es-* e a vogal da raiz *be*. Tais formas compostas são conhecidas como *misturas* ou *contaminações*. A mudança morfológica pode levar, dessa maneira, a formas com origens complexas e podem conduzir também ao surgimento de novos marcadores morfológicos.



11.4. A mudança morfológica como uma fonte de novos marcadores flexionais: a gramaticalização

O desenvolvimento da misturas/contaminações, tal como a derivação regressiva, nos demonstra que novas formas imprevisíveis podem ser produzidas numa língua pelas mudanças que ocorrem dentro dos conjuntos morfológicos. Deste modo, novos sufixos e marcadores gramaticais inovadores podem resultar. Exemplos de semelhantes novos sufixos em inglês são *-dom* e *-hood*. No inglês antigo, as palavras das quais os sufixos formadores de substantivos abstratos eram usados para criar palavras compostas, p. ex., *frēo* (*free*) “livre” + *-dom* “qualidade” > *frēodom* “liberdade”, *cynedom* “realeza”; *camp* “batalha” + *-hād* “estado” > *camphad* “[arte de] guerra”, “hostilidades”, *wer* “homem” + *-hād* > *werhad* “virilidade”⁴, “masculinidade”, e assim por diante. Os segundos elementos presentes nessas composições vieram a ser tratados como sufixos e eram distinguidos funcional e lexicalmente das formas livres, *doom* e *hood*. Em alemão, os cognatos desses dois elementos também vieram a ser sufixos, *-tum* e *-heit*, mas sua distribuição na língua alemã é com frequência diferente da distribuição dos seus cognatos em inglês, p. ex., *Freiheit* “liberdade” versus *freedom* contra *Königtum/kingdom*.

Estabelecidos como entidades independentes, os sufixos chegam a ter um desenvolvimento próprio. A partir de formas como *æpeling* “nobre” (subst.) derivado de *æpele* “nobre” (adj.) com o acréscimo do sufixo *-ing*, uma divisão errônea foi feita entre os morfemas que produziu o novo sufixo *-ling*. Esse processo é chamado *recorte sufixal*, e constitui um tipo de *metanálise*. O novo sufixo era usado para gerar ainda mais palavras novas, como *darling* (cf., *dēor* [*dear*] “caro”). Igualmente, *-able* foi tomado como um sufixo em palavras como *habitable* “habitável”, um empréstimo (via o francês) naturalizado do adjetivo latino *habitabilis*, que foi utilizado na criação de muitos termos novos, tal como *bearable*, *supportable*, etc.



Um elemento que tem vivido um desenvolvimento parecido e uma ampla difusão é *-burger*. Em alemão, *-er* é um sufixo comum usado para gerar adjetivos a partir de nomes de cidades ou regiões, p. ex., *berliner* “de Berlim”, “berlinense”, *frankfurter* “de Frankfurt”, *Wiener* “de Viena”, “vienense”. Esses termos significam simplesmente “da cidade de...” e

⁴ Cf., *vir* /wi:r/ em latim, e o prefixo *were-* em *werewolf* “lobishomem”, etc.

eram muito usados para formar sobrenomes. Algumas derivações foram usadas para descrever pratos de carne preparados do modo típico daqueles lugares, p. ex., *hamburger*, *wiener*, *frankfurter*, etc. Por casualidade, a sílaba inicial de *hamburger* coincide com o nome de uma carne em inglês, ou seja, *ham* “presunto”. Era irrelevante o fato de o prato hamburguense nunca conter presunto. O reconhecimento da aparente divisão morfológica localizada entre *ham-* e *-burger* (em lugar de *hamburg-* + *-er*, em alemão) levou a uma *reanálise* da estrutura morfológica da palavra e ao surgimento do sufixo *-burger*, cujo valor semântico deve ser algo do tipo “bolinho achatado e arredondado”. Atualmente, é possível comprar *fishburgers*, *cheeseburgers* e até hambúrgueres chamados por seus fabricantes, p. ex., *Mooreburgers*. Outros sufixos criados recentemente em inglês incluem *-teria*, extraído de *cafeteria*, cf., *washeteria* “lavanderia” e *-ware* “artigo, produto manufaturado”, “mercadoria”, que foi derivado de [*computer*] *hardware*, *software*, etc.



Por uma maneira semelhante de reanálise e recorte impróprio, marcadores flexionais foram criados por meio do processo chamado *gramaticalização*. Um dos marcadores de plural característicos no alemão é *-er*, p. ex., *Kind* “criança” – *Kinder* “crianças”. Em termos de sua história, *-er* começou como um sufixo derivacional com a forma */-Vs/* que servia para formar substantivos, p. ex., *ján-as* (sânscrito) e *gen-us* (latim) “espécie”, “raça” (< raiz protoindo-europeia **gen-* “gerar”, “(pro)criar”). No alto alemão antigo, as sílabas finais da maioria das palavras foram elididas de tal maneira que o sufixo *-er* sobrevivia no plural, mas foi eliminado no singular, de modo que surgiu o contraste *kalb* “bezerro” versus *kelbir* “bezorros” (observe o alçamento da vogal do radical por metafonia (*umlaut*) provocada pela presença da vogal alta anterior /i/ na flexão. Tais alternâncias vocálicas também seriam exploradas analogicamente pelos falantes do alemão para marcar o plural). Por estar presente numa relação contrastante, *-ir* (> *-er*) foi reinterpretado (reanalisado) como um marcador do plural e seu uso foi largamente estendido a muitos substantivos do gênero neutro em que esse sufixo nunca tinha aparecido, p. ex., *Haus* – *Häuser* “casa/-s”, e até foi acrescentado a substantivos masculinos, p. ex., *Mann* – *Männer* “homem/-ns”. Depreendemos uma extensão parecida no holandês médio, mas quase nenhum caso existe em inglês, somente *child* – *children* “criança/-s”.



É apenas graças à casualidade que dispomos do material necessário para identificar a origem do sufixo *-er*. Isso é porque *kalb* “bezerro” é o único plural em *-er* no alto alemão antigo que conseguimos ligar aos substantivos indo-europeus em *-es-*. Ademais, a grande extensão dos plurais em *-er* ocorreu durante os períodos do alto alemão antigo e médio, épocas das quais possuímos um número razoável de textos. Se outros marcadores flexionais fossem produzidos da mesma maneira em períodos anteriores da língua, não saberíamos disso factualmente e, por conseguinte, não podemos fazer mais do que especular sobre sua origem e sua extensão.

Certos marcadores do pretérito e do perfeito nos dialetos indo-europeus precoces podem ter se originado dessa maneira, embora várias teorias tenham sido propostas para explicar seu surgimento. No germânico, encontramos um marcador *-d-* para o pretérito, como em *lagida* (gótico) e *legde* (ingl. ant.) “deitou”, “colocou”, e com uma consoante dental surda, como em *brāhta* (gót.) e *brōhte* (ingl. ant.) “trouxe”. Um sufixo *-d-* < **-dh-* (PIE) teria sido recortado de radicais e teria passado a indicar o tempo pretérito. Igualmente, o –

v- do perfeito latino, p. ex., *amāvi* “amei” ← *amō*, *amāre* “amar”, o -k- do perfeito grego, p. ex., *pepaídeuka* ← *paideúō* “educar”, junto com outros marcadores que observamos noutro dialetos indo-europeus teriam se originado da mesma maneira. Pela falta de evidências textuais nos tempos de seu surgimento, nosso apoio a essa hipótese sobre o desenvolvimento de tais formas recai na teoria linguística geral e na estrutura dos dialetos após o desmembramento do protoindo-europeu.

Talvez mais pelo valor cômico do que por sua relevância na evolução linguística são as novas criações que representam modificações fantasiosas e extravagantes, tal como *sirloin* “picanha” em inglês. A etimologia dessa palavra é que é um empréstimo do francês *sur-loin*, em que o primeiro elemento é derivado da preposição latina *super* “sobre”, “superior”, ou seja, literalmente o significado é “sobre-quadril”, o corte feito na parte superior ou acima do quadril. Em inglês, entretanto, esse elemento *sur-* parecia estranho por não ocorrer noutros compostos comuns e, portanto, sofreu uma modificação que converteu a primeira sílaba em *sir-* (ou seja, /-u:-/ > /-i:-/, no inglês médio), uma mudança aparentemente sensata, já que a picanha é um corte “nobre”. Com certo desprezo, este tipo de desenvolvimento linguístico é chamado *etimologia popular*. Uma evolução adicional que decorre de tais etimologias populares no âmbito extralinguístico são as histórias espúrias que procuram dar fundamento a tais origens folclóricas. Por exemplo, diz-se que existe uma casa no condado de Lancashire no noroeste da Inglaterra que foi identificada como o lugar onde o famigerado rei James I nomeou cavaleiro a humilde picanha que satisfez a fome real! Em termos práticos, porém, esse tipo de reanálise não difere de um modo geral do processo pelo qual o sufixo contemporâneo inglês *-burger* foi criado ou a maneira pela qual surgiram o sufixo *-ling* no inglês antigo ou o sufixo *-er* do alto alemão antigo. Tal como esses exemplos acima, a etimologia popular exemplifica a maneira em que os falantes manipulam a linguagem para seus próprios objetivos, sejam eles conscientes ou inconscientes.

Na etimologia popular, a manipulação recreativa da linguagem por indivíduos pode ficar mais evidente do que está nas remodelações menos fantasiosas, tal como a aprovação ou a censura de seus compatriotas linguísticos. Não obstante, o que está envolvido na essência do processo é a remodelação de padrões menos frequentes e menos favorecidos na língua em conformidade com os padrões mais favorecidos e frequentes. Quando o cognato de *homo* (latim) chegou a ser representado no inglês apenas na palavra composta do inglês antigo *bryd-guma* “homem casado”, “marido”, “esposo” (cf., *Bräutigam* em alemão), aquela palavra cujas relações entre forma e sentido tinham ficado opacas foi remodelada na base da palavra comum *groom* “criado”, embora a escolha seja ilógica do ponto de vista semântico, para criar a forma atual *bridegroom* “noivo”. Quando a expressão *pentis* < *appentis* (francês) < *apêndix* (latim) foi aplicada aos “puxadinhos” em edifícios maiores, houve uma modificação formal que gerou o termo *penthouse* em que algum elemento semântico aproximadamente associado foi introduzido para que o termo fizesse sentido (ninguém parece ter-se preocupado com o significado do “prefixo” *pent-* no caso!).

Tal como a etimologia popular expressa o espírito inventivo de alguns usuários de línguas na formação de criações analógicas, este fenômeno serve para ilustrar o conservadorismo de ainda outros falantes. A palavra *Welsh rabbit* “coelho galês” para um

(queijo fundido sobre pão de forma), tal como *Cape Cod turkey* “Peru de Cape Cod” (peixe salgado), mostra uma tentativa pelos inventivos de tornar comida simples mais palatável para os crédulos. Seus compatriotas mais estólios podem, contudo, reclamar-se de semelhante farsa transparente e insistir em *Welsh rarebit*, da mesma maneira de que hoje obrigamos as crianças inventivas a dizer *man* em lugar de *mans*, *better* por *gooder*, *went* por *goed* e exilar *funner* da sua linguagem.

11.5. Motivos para a mudança analógica: influências internas

Para explicar a mudança fonológica, observamos que ela ocorre de acordo com certas modificações gerais pelas quais não conseguimos fornecer nenhuma razão específica. Os motivos para as mudanças em marcadores morfológicas, porém, podem ser atribuídos com frequência à regularização das formas dentro de um conjunto morfológico, sintático ou léxico, como podemos exemplificar com a palavra *father* “pai” do inglês moderno.

Quando traçamos a história de *brother* “irmão” em inglês moderno, através de fases sucessivas, conseguimos levá-lo para trás até **bhrātēr* do PIE. Entre os tempos do PIE e o inglês moderno, os fonemas de **bhrātēr* participaram em várias mudanças sonoras e, ao notarmos-las, podemos derivar todos os fonemas em *brother* dos presentes no seu étimo protoindo-europeu. Por outro lado, *father* (ingl. mod.) não pode ser relacionado diretamente a **patēr* do pré-germânico e do PIE da mesma maneira. O processo de reconstrução sonora emperra quando tenta traçar o desenvolvimento da oclusiva alvéolo-dental medial: o [-t-] do PIE se tornou [-θ-] no protogermânico pela Lei de Grimm; a seguir, esse [-θ-] > [-ð-] (vozeamento), por estar antes do acento tônico, em conformidade com a Lei de Verner. A fricativa interdental se converteu em oclusiva (fortalecimento), gerando [-d-], que é precisamente o que constatamos no inglês antigo, onde encontramos *fæder*, o antecessor de *fader* que existe no inglês médio. Se seu desenvolvimento fosse regular, o inglês moderno deveria exibir *fader*, sem outras modificações. Contudo, houve uma alteração: em algum momento posterior ao ano 1400, [-ð-] foi substituído por [-d-] (espirantização), produzindo a forma atual, *father*. Pressupomos que essa mudança ocorreu porque a palavra *father* “pai” era associada com as palavras *mother* “mãe” e *brother* “irmão” num conjunto léxico de termos de parentesco e sofreu uma modificação para alinhá-la melhor aos outros membros do conjunto. Adicionalmente, o processo de espirantização poderia ter sido facilitado pela posição medial e intervocálica do segmento afetado, uma localização naturalmente propensa a tais mudanças.

Igualmente, não conseguimos derivar o particípio *swelled* “enchido” de nenhum étimo protogermânico, ou sequer de uma forma do inglês antigo. O particípio passado original era *swollen*, que ainda existe na língua inglesa, porém, funciona predominantemente como um adjetivo. *Swelled* foi gerado a partir de *swell* “encher” conforme um modelo existente do tipo:

Infinitivo: *fell* = *shell* = *swell*
Particípio: *felled* = *shelled* = *x*

Desse modo, a inovação *swelled* substituiu a forma antiga *swollen*.

Modificações do tipo ilustrado acima exemplificam o caminho principal pelo qual a mudança entra nos sistemas morfológicos e sintáticos de uma língua. Por meio deste curso, o número de integrantes de um determinado conjunto morfológico, sintático ou léxico é aumentado ou reduzido e as maneiras de marcar categorias sintáticas são ampliadas ou diminuídas. Já que tais mudanças ocorrem conforme o modelo de outros padrões já existentes na língua, referimo-nos a elas como mudanças *analógicas*.

A analogia é um processo pelo qual morfes, combinações de morfes e outros padrões linguísticos são modificados, ou outros novos são criados em conformidade com os padrões e modelos pré-existentes.

Podemos observar melhor o funcionamento da analogia na aprendizagem de uma língua. Quase todo mundo terá notado a maneira como as crianças aprendem a formar plurais como *copos* a partir do singular *copo* e prosseguem a aplicar sua descoberta a outros substantivos, por exemplo:

gato = *garfo* = *boné*
gatos = *garfos* = *bonés*

Se uma criança encontrar a palavra *jato* e aprender essa palavra, ela vai gerar o plural, *jatos*. Ao ver certo brinquedo numa loja, saberá formar o plural, *sputniks* (não sei quais eram as lojas de brinquedos que os filhos de Lehmann frequentavam!).

Ficamos especialmente conscientes de tais extensões analógicas quando a criança produzir uma forma que julgemos ser incorreta. Tal como aprendem a formar os plurais, as crianças também aprendem os graus de comparação:

novo = *velho* = *bom*
mais novo = *mais velho* = *mais bom*

new = *old* = *good*
newer = *older* = *gooder*

Nessa altura, tipicamente alguém levanta uma objeção e fornece a forma considerada correta – *melhor*, *better*. Se depararmos com outras extensões analógicas do tipo:

That's new = *That's fine* = *That's fun*
That's newer = *That's finer* = *That's funner*

é possível que comentemos sobre a inteligência da criança por perceber a correlação – após lhe proferir a variante correta. No passado, porém, parece que os falantes do inglês eram mais tolerantes para com os comparativos inovadores, porque a forma *older* substituiu *elder*, a não ser em alguns usos restritos). *Littlest* e *littlest* geralmente substituíram *lesser* e *least*, quando se trata de adjetivos, exceto em alguns contextos particulares, como a nomenclatura ornitológica ou zoológica, p. ex., *lesser flycatcher* “papa-moscas menor”. Desse modo, irregularidades podem ser eliminadas dos conjuntos gramaticais. No entanto, decididamente o uso mais importante que fazemos da analogia na aquisição da linguagem ocorre na extensão de formas e padrões que já dominamos.

Se aprendermos uma língua como o alemão, não decoramos cada forma flexionada. Aprendemos um modelo, como:

singen “cantar”

ich singe “eu canto”

du singst “tu cantas”

er/sie/es singt “ele/ela canta”

e antecipamos conseguir aplicar o paradigma aprendido a outros verbos que encontramos, como *ringen* “lutar” e *bringen* “trazer”, e assim adiante. Podemos assumir que falantes nativos aprenderam muitas formas na sua língua por uma técnica parecida. Se, após aprender o pretérito *ich sang*, *ich rang*, etc., estendermos o modelo e dissermos *ich brang*, somos corrigidos. Talvez lembremos o cognato de *ich brachte* que existe em inglês, *I brought*, para reforçar nossa aquisição da forma irregular. De tal modo, aprendemos um dos limites de tais extensões analógicas.

Adquirimos outros padrões linguísticos de uma maneira semelhante. Se conseguirmos dominar os padrões sintáticos alemães:

Wir gehen heute. “Nós vamos hoje”.

Heute gehen wir. “Hoje nós vamos”.

não é preciso aprendermos separadamente cada sentença que começa com *heute* ou com outros advérbios para que controlemos esse tipo de posicionamento do sujeito. Se conhecermos a ordem sintática normal, *Wir reisen heute*, *Wir lesen morgen*, não teremos dificuldade em dizer, na base de nosso domínio dos modelos:

Heute reisen wir. “Hoje nós viajamos”.

Morgen lesen wir. “Amanhã nós vamos ler”.

Desta maneira, a analogia está aplicada constantemente quando usamos a linguagem. Como na aquisição de uma língua estrangeira, há limites na sua aplicação, alguns dos quais podemos violar, provocando consternação entre alguns dos nossos compatriotas linguísticos, ocasionando diversão indulgente entre outros e gerando imitação afeiçoada entre outros ainda. É difícil prever quando e onde formas analógicas serão aceitas e quando não serão bem recebidas. Por outro lado, sabemos algumas das condições sob as quais a analogia opera.

11.6. Requisitos para o funcionamento da analogia

Para que a analogia opere, é preciso algum conjunto linguístico. O conjunto pode ser flexional, como os verbos ingleses, em que o sufixo com a alomorfa [-t], [-d], [-ɪd] tem substituído a alternância vocálica para expressar o pretérito, tal como vimos no caso de *swelled* acima. O conjunto pode ser derivacional, como os nomes ingleses com o sufixo *-er*, p. ex., *driver*, para indicar o agente. Esse sufixo, importado na base de *-ārius* em latim (cf., *-eiro* em português), chega a ser utilizável depois de quase qualquer verbo. O conjunto também pode ser sintático. Alguns verbos ingleses que antigamente pediam um objeto no caso genitivo eram seguidos até recentemente por construções que continham a preposição *of*, p. ex., *miss, desire, remember, forget, hope, thirst, wait*⁵. No século XIX, o célebre escritor escocês, Sir Walter Scott escreveu *I remember of detesting the man*. Por outro lado, o padrão predominante dentre os verbos transitivos ingleses é o verbo seguido diretamente pelo objeto, sem regência preposicional. Consequentemente, esse modelo foi generalizado e estendido aos verbos citados.

Os conjuntos afetados pela analogia também podem ser semânticos, como os termos de parentesco *mother, father, brother* (“mãe”, “pai”, “irmão”) que provocaram a modificação da articulação da consoante medial em *father* de uma oclusiva alveolar para uma fricativa interdental. Dentre tais conjuntos semânticos estão os numerais. Nos números ordinais alemães, por exemplo, *-te* é usado de “dois” até “dezenove”, p. ex., *der zweite* “o segundo”, *der dritte* “o terceiro”, *der neunzehnte* “o décimo-nono”, e após dezenove o sufixo é *-ste*, p. ex., *der zwanzigste* “o vigésimo”, até o milionésimo, em que *-te* voltou a ser usado antigamente. Hoje, *der millionste* está muito difundido e promete substituir *der millionte*. Numerosos exemplos podem ser citados no âmbito dos numerais nas várias línguas indo-europeias: a extensão de /d-/ para “nove” nas línguas eslavas sob a influência da forma para “dez”, cf., russo: *d’evyat’* “9” ← *d’esyat’* “10” (cf., *nine* (ingl.), *neun* (alem.), *nove* (port.), *nueve* (esp.), *neuf* (fr.), *nuove* (ital.), etc.) é um dos casos mais evidentes.

Tais conjuntos são muito infreqüentes no nível fonológico. Um exemplo de analogia no nível fonológico é a extensão de /-r/ diante de vogais no inglês britânico meridional e nos sotaques americanos de New England. A retroflexão da consoante rótica foi perdida diante de consoantes, mas foi mantida diante de vogais, duas formas de palavras como

⁵ Em português, vários desses verbos também pedem a preposição correspondente “genitivo”, *de*, p. ex., “sentir falta [de]”, “desejar”, “lembrar [de]”, “esquecer [de]”, “esperar”, “estar ávido [de]”, “aguardar”

water “água” coexistem, p. ex., *water was...* [ˈwɔ.tə.wɒz] versus *water is* [ˈwɔ.təɪ.ɪz], *water wheels* [ˈwɔ.tə.wi:lz] e *water always* [ˈwɔ.təɪ.ɔl.weɪz]. Substantivos que exibiam um /-ə/ final caíram neste padrão, como *soda*, *idea*, de modo que falantes dessas variedades não-róticas enunciam *the idea was* [ð(i).aɪˈdi.jə.wɒz] (no ambiente /_#C), mas *the idea is ...* [ð(i).aɪˈdi.jəɪ.ɪz] (no contexto /_#V).

Um tipo de analogia restrita às culturas alfabetizadas é puramente gráfico. A palavra *rīm* /ri:m/ “rima” do inglês médio veio a ser grafada *rhyme* /rajm/ porque os escritores no começo do período moderno acreditavam que a forma estava relacionada com *rhythm* /riðm/ “ritmo”. A palavra *delite* /deli:t/ (ingl. méd.) < *deliter* (fr. ant.) < *dēlectāre* (lat.) chegou a ser escrita *delight* /dɪˈlajt/ em inglês moderno porque se acreditava discernir um vínculo etimológico com *light* “luz” /lajt/, cf., *Licht* (alemão). Estamos mais do que acostumados com esse tipo de analogia entre as pessoas que aprendem a escrever, os erros de estudantes e dos compositores tipográficos, ou das nossas próprias lutas com a ortografia do inglês. Podemos alinhar *proceed* com *precede*, ou vice versa; uma parte de nossa formação é ocupada aprendendo a diferenciar entre *two*, *to*, *too* (“dois”, “a”/“para”, “muito”/“demais”) e *their*, *there*, *they’re* (“seu”/“deles”, “lá”/“aí”, “eles são/estão”) entre outros muitos conjuntos. Com a ênfase contemporânea na escrita, muito prestígio social está investido na produção da ortografia normativa correta. Consequentemente, resistimos a modificações analógicas no nosso sistema ortográfico e esforçamo-nos em manter os modelos estabelecidos e consagrados. As atitudes para com as modificações analógicas são, consequentemente, de grande relevância para sua aceitação.

11.7. As condições para a ocorrência e a aceitação das mudanças analógicas

Problemas essenciais para a analogia que exigem mais investigação incluem as condições (1) sob as quais ela ocorre, e (2) pelas quais padrões novos se estabelecem. Ainda não é possível oferecermos respostas satisfatórias a essas perguntas. Alguns linguistas propuseram que a mudança analógica conduz à maior simplificação e que tais desenvolvimentos são de esperar quando as crianças aprendem a linguagem. Otto Jespersen considerou as evidências para essa pressuposição em seu livro *Language* (1922: 161-88)⁶ e concluiu que a questão é complexa. Suas próprias observações das crianças levou o grande linguista dinamarquês a atribuir algumas mudanças linguísticas aos “aprendizes principiantes”, sejam essas crianças ou adultos. Entretanto, Jespersen não atribuiu uma trajetória em direção à simplicidade à linguagem das crianças, embora ele tenha acreditado que existe uma “tendência... [até] o progresso, progresso lento e vacilante, mas ainda assim progresso rumo à clareza, à regularidade, à facilidade e à flexibilidade cada vez maior” na linguagem (*ibid.*, 441-2). Mencionamos alhures que as crianças que aprendem o árabe dominam os complicadíssimos plurais nominais “quebrados” e que as crianças que aprendem o turco não apresentam dificuldades com as complexas regras de harmonia vocálica naquela língua.

⁶ JESPERSEN, Otto (1922). *Language, its Nature, Development and Origin*. Londres: Allen & Unwin (reedição de capa mole, Nova York: Norton, 1962).

Os argumentos apresentados acima, dentre muitos outros, contradizem a perspectiva de que a simplificação da linguagem pode ser atribuída às crianças, ainda que especialistas tenham voltado a essa pressuposição recentemente (uma referência às teorias propostas pelos proponentes da linguística gerativa. De modo contrário, como Jespersen reportou extensivamente, as crianças geralmente abandonam as simplificações que tenham introduzido, como *goed* por *went*, *mans* em lugar de *men*, etc. Em lugar de afirmações sem base acerca do papel das crianças na mudança linguística, é preciso aprofundar mais as nossas investigações. Weinreich, Labov e Herzog atribuíram a transmissão de novos padrões à “comunidade como um todo” em vez de atribuí-la ao “hiato intergeracional entre os pais e a criança” (1968: 187-8). Os procedimentos que governam a mudança citados pelos linguistas americanos são ainda mais intrincados do que os processos ponderados por Jespersen.

Imputar as simplificações à mudança analógica e à influência infantil enquanto a linguagem é adquirida é simplório demais. Não queremos com isso negar os descobrimentos de Gauchat e outros em que é mostrado que os falantes mais novos numa determinada comunidade tendem a estender certas mudanças observadas mais do que as gerações mais velhas. Tais dados seriam a antecipar, porque qualquer mudança que não for adotada pelos falantes mais jovens desaparecerá. Entretanto, asseverações sobre as causas da mudança são bastante diferentes das observações da sua difusão.

Kuryłowicz (1960⁷) procurou sugerir motivos para a introdução da analogia em conjuntos morfológicos. Ele identificou as razões na relação das formas dentro de um paradigma. As formas que sejam básicas tendem a influenciar as demais. Por exemplo, nos sistemas verbais em que há uma categoria de tempo presente e uma voz passiva, o tempo presente da voz ativa, na opinião do linguista polonês, domina tanto o tempo presente da voz passiva como o perfeito ativo. Por sua vez, o perfeito passivo é dominado tanto pelo presente passivo quanto pelo perfeito ativo. Kuryłowicz chama o tempo presente de forma *fundadora* e refere-se a uma forma derivada como o presente passivo como *fundada*. Uma forma fundada, portanto, poderia ser modificada em conformidade com a forma fundadora, conforme o modelo apresentado abaixo:

Tempo presente da voz ativa → *Tempo perfeito da voz ativa*



Tempo presente da voz passiva → *Tempo perfeito da voz passiva*



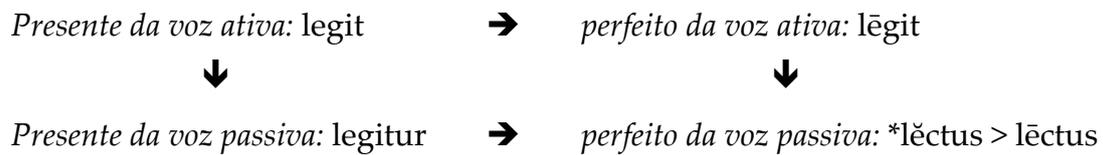
Assim, se o tempo perfeito da voz ativa exibir um segmento que seja diferente do segmento no perfeito passivo, esse segmento pode ser introduzido ao perfeito passivo para substituir a forma original.

Kuryłowicz propôs essa relação nos sistemas flexionais como a causa de um fenômeno no latim precoce. Nessa língua, tal como Karl Lachmann observou há mais de

⁷ KURYŁOWICZ, Jerzy. “La nature des procès dits ‘analogiques’”, em: Jerzy Kuryłowicz, *Esquisses linguistiques*, Wrocław e Krakow, 1960.

um século, os participios passados dos radicais terminados em [-d-] e [-g-] exibem vogais alongadas, com desvozeamento da oclusiva diante do sufixo participial [-tus]. Assim, o participio passado de *āgō* é *āctus*, em contraste com a vogal breve em *fāctus* de *fāciō*. Igualmente, depreendemos *lēctus* de *legō* “ler”, *ēsus* de **ēssus* derivado de **ed-t-os* à base de *edō* “comer”, e assim por diante. O fenômeno é conhecido como a Lei de Lachmann e havia sido debatido bastante e em vão antes que Kuryłowicz fornecesse uma solução definitiva, a qual foi explicada em ainda mais detalhe por Calvert Watkins.

Resumindo, a explicação pode ser ilustrada da seguinte maneira:



No exemplo acima, a [e] original no participio do perfeito passivo foi mudada para [e:] por analogia. Essa mudança difere das mudanças sonoras discutidas no capítulo 10 por sua motivação. Kuryłowicz demonstrou definitivamente que algumas modificações fonológicas podem ser provocadas por analogia. Os motivos para tais mudanças residem na configuração interna de uma língua.

Kuryłowicz identifica muitos outros exemplos dos efeitos da analogia na difusão de mudanças em formas morfológicas do que na sua introdução. No que diz respeito à extensão dos resultados de mudanças anteriores, ele propôs uma série de regras. Como os contraexemplos mencionados com essas regras demonstram, as regras não nos permitem prever quando a analogia poderá ocorrer numa determinada língua, nem nos permitem estabelecer em que direção a analogia possa ter progredido sob condições pouco conhecidas no passado. Tais regras, entretanto, fornecem explicações para algumas instâncias da extensão analógica.

A primeira regra identificada por Kuryłowicz afirma que um marcador morfológico duplo tende a substituir um marcador simples. De modo a exemplificar, ele menciona a desinência *-e* do plural em substantivos alemães a qual também era associada com a metafoia da vogal radical, por exemplo, *Gast* “hóspede” versus *Gäste* “hóspedes”. Esta marcação dupla foi estendida, p. ex., *Baum* “árvore” – *Bäume* “árvores” que substituiu a antiga alternância *Baum* – *Baume*. É possível citar muitos outros casos em que essa analogia não se aplica. Por exemplo, o verbo regular alemão *trennen* – *trennte* – *getrennt* “separar”, “separou”, “separado” mantém um marcador simples do pretérito, diferentemente do verbo *rennen* – *rannte* – *gerannt* “correr”, “correu”, “corrido” e de outros verbos formalmente parecidos.

Na segunda regra de Kuryłowicz, a analogia procede da forma básica às formas derivadas. Embora geralmente verdade, como vemos em *sputnik* – *sputniks*, mudanças como *pease* – *pease* > *pea* – *peas* contrariaram a tendência identificada.

Segundo a terceira regra, qualquer construção que consiste de um constante mais

uma variável será utilizada como o modelo para a reforma de um item isolado que manifeste a mesma função. Dessa maneira, construções como o advérbio *wrongly*, formado a partir do adjetivo *wrong* com o acréscimo do sufixo adverbializador *-ly*, serviu de padrão para remodelar advérbios sem terminação como *slow* para *slowly*.

Na quarta regra, que trata dos resultados da analogia, Kuryłowicz assevera que uma nova forma analógica ocupará a função ou as funções primárias de um contraste, enquanto a forma sendo substituída será empregada para funções secundárias. Assim, *brothers* é usado para o plural de *brother* (“irmão – irmãos), enquanto a forma original, *brethren*, em vias de substituição, mantém-se desempenhando uma função periférica (“irmão” no sentido de “confrade”). Também podemos citar *older* versus *elder*, e assim adiante. mais uma vez, exemplos contrários existem, tais como as formas analógicas no artigo definido alemão *dessen*, que são utilizadas hoje na função de pronome relativo e não são parte do artigo.

A quinta e sexta regras de Kuryłowicz são de um interesse menor no contexto deste capítulo. Um conjunto de tais regras gerais seria altamente vantajoso se as leis pudessem ser aplicadas às línguas pré-históricas, como o protoindo-europeu ou o protoafro-asiático. De fato, Kuryłowicz aplicou suas regras na maneira referida, especialmente aos problemas das variações indo-europeias nas vogais na apofonia e problemas acentuais. No entanto, se as regras não puderem ser estabelecidas de um modo totalmente convincente nas línguas contemporâneas, sua aplicação a períodos antigos poderá ser falível e, portanto, não será confiável. Os problemas que encontramos com as regras cuidadosamente desenhadas de Kuryłowicz indicam que as modificações de regras morfológicas não são tão consistentes como as que ocorrem na mudança sonora.

11.8. A interação de mudanças nos componentes morfológico e fonológico de linguagem e no léxico

Como mostramos acima, a analogia pode ser considerada como o processo central nas modificações introduzidas nos sistemas morfológicos. O segundo processo, a mudança sonora, também pode produzir modificações, como no caso da perda de marcadores morfológicos. Ademais, a mudança sonora pode introduzir irregularidades nos sistemas morfológicos que são reestruturados subsequentemente em conjuntos morfológicos e léxicos.

De modo a exemplificar mudanças sonoras que conduzem a mudanças em sistemas morfológicos, podemos citar instâncias das línguas germânicas, como as mudanças metafônicas no pré-ínglês antigo. Quando os fonemas /u/ e /o/ do pré-ínglês antigo avançaram e se tornaram /y/ e /ø/ diante das vogais altas anteriores /i/, /i:/ e o glide palatal /j/, tornou-se possível explorar um novo marcador contrastante que tinha surgido entre muitas formas singulares e plurais, porque /i/, /i:/ e /j/ eram especialmente frequentes nas terminações plurais. Não obstante, no inglês, esta mudança sonora afetou o sistema morfológico apenas numa escala menor, porque deparamos com poucos plurais do tipo *man – men*, *goose – geese*, *mouse – mice* (“homem/-ns”, “ganso/-s”, “rato/-s”). Em alemão, por outro lado, essa mudança sonora foi amplamente estendida para se tornar um dos

marcadores mais proeminentes do plural. Desse modo, as mudanças sonoras podem contribuir à possibilidade de surgirem novos esquemas morfológicos contrastantes, os quais podem ser generalizados pela analogia.

Tal modelo contrastante se disponibilizou há pouco pela perda de /-t/ em alguns grupos consonantais no inglês moderno. Quando /-t/ é elidido no verbo *slept* “dormiu”, por exemplo, um novo contraste entre *sleep* – *slep* (“dormir – dormiu”) gera novos verbos irregulares. Essa mudança fonológica é ainda muito recente para seus resultados no sistema morfológico serem previstos.

O resultado de mudanças semelhantes há mais de cinco mil anos, o material foi disponibilizado para a criação de um dos traços característicos das línguas indo-europeias, a apofonia ou *ablaut*. Em geral, pressupõe-se que o contraste apofônico entre estruturas radicais nas formas Ce(R)C- e C(R)C-, ou seja, consoante, e, eventual ressoante, consoante, e consoante, eventual ressoante, consoante, resultaram da perda de uma vogal, que foi provocada por variações na acentuação. Essa presunção foi baseada em contrastes observados em certas formas, tais como os presentes em *derk-* “ver” no PIE. A forma da primeira pessoa do presente do indicativo, em que o acento recai no radical, é *dérkomai* “vejo”. O particípio passado em sânscrito, porém, que leva o acento no sufixo é *dṛṣṭás* “visto”. A situação original foi ofuscada por muitas mudanças sucessivas subsequentes, de modo que, na maioria das formas, está opaco, exceto à inspeção dos especialistas treinados no indo-europeu. No particípio, o /r/ se torna vocálico quando o /e/ foi elidido. O contraste entre o particípio sânscrito e a forma do presente em grego é, portanto, de acordo com os modelos proferidos acima.

O mesmo contraste foi mantido ainda mais claramente em *nest* (ingl. mod.), que era originalmente uma composição da partícula adverbial **ni-* e o radical **sed-* “sentar(-se)”, em que a vogal /e/ foi perdida, e que contrasta com o verbo *sit* (ingl. mod.), que constitui um reflexo da forma indo-europeia com a vogal /e/ preservada. A oposição se mantém também entre o radical do presente e o particípio em muitos verbos irregulares ingleses, como *choose* – *chosen*, *bind* – *bound*, *steal* – *stolen* (“escolher – escolhido”, “amarrar – amarrado”, “roubar – roubado”), embora mudanças subsequentes tenham ocultado a relação.

Pode ser que a mudança sonora indo-europeia original, que produziu a perda de /e/, tenha afetado apenas algumas poucas formas inicialmente. Entretanto, tal como a mudança apofônica no alemão, a nova oposição que foi possibilitada veio a servir como um marcador flexional e esse contraste foi estendido, especialmente no sistema de verbos irregulares do germânico. Esse contraste se estabeleceu de tal maneira e ficou tão enraizado no germânico que foi introduzido em palavras tomadas emprestadas três milênios depois de a mudança sonora ter ocorrido, como podemos observar no empréstimo latino tomado pelo inglês antigo: *scribere* > *scrifan* “escrever” [*shrive*] – *scrifen* “escrito” [*shriven*].

Outro contraste importante na apofonia indo-europeia, o que existe entre /e/ e /o/, tal como vemos refletido nas formas gregas *dérkomai* “vi” e *dédorka* “tenho visto” também foi explicado na base de uma mudança sonora. Embora a explicação dessa mudança

sonora ainda seja discutida, o motivo normalmente aduzido é o deslocamento do acento de altura da base, produzindo o recuo da vogal /e/ para /o/. O russo exibe uma mudança parecida, embora com a vogal /o/ sob o acento, como no antropônimo *Gorbachev* [gar.bə'čof]. A mudança para /o/ também teve um impacto muito grande na morfologia dos dialetos indo-europeus. Por exemplo, constitui a base do contraste entre o tempo presente e o tempo passado nos verbos irregulares ingleses, p. ex., *sing – sang, sit – sat* (“canta – cantou”, “senta(-se) – sentou(-se)”), e também fica à raiz do contraste entre os verbos simples e os verbos causativos, p. ex., *sit – set, lie – lay* (“sentar(-se) – colocar”, “estar deitado/deitar(-se) – deitar/assentar”).

Dessa maneira, muitas modificações morfológicas nas línguas são difundidas pela analogia, ainda que a inovação em si seja o resultado de mudança fonológica ou de algum outro processo, como os empréstimos, que tenha fornecido um marcador característico útil para um conjunto.

11.9. A analogia dentro do léxico

Processos analógicos parecidos e resultados semelhantes ocorrem no léxico. Na terminologia científica de hoje, muitas entidades foram difundidas amplamente com um significado particular. Assim, *-ide* (“-eto”) é usado para centenas de nomes para compostos químicos, p. ex., *chloride, fluoride* (“cloreto”, “fluoreto”). Parece que a origem do sufixo foi a palavra *oxide*, que foi um empréstimo de *oxyde* em francês. O sufixo *-ate* aparece nos nomes de sais e ésteres formados a partir de ácidos cujos nomes terminam em *-ic*, p. ex., *nitrate* de *nitric* (em português a mesma relação é entre *-ato* e *-ico*, p. e., “nitrato”, “ácido nítrico”), e assim por diante. O sufixo *-eme* (“-ema”) é utilizado para nomear entidades na linguística, de *phoneme* a *morfeme* a *grapheme* (“fonema”, “morfema”, “grafema”). A analogia é útil por expandir e regularizar o sistema derivacional dos vocabulários científicos das línguas contemporâneas que estão se expandindo larga e rapidamente, tal como a analogia serviu para ampliar e sistematizar seus sistemas flexionais e sintáticos.

A origem do material utilizado na analogia é irrelevante. Qualquer segmento de uma língua pode ser generalizado, seja sua origem uma mudança sonora ou um empréstimo, seja ele simplesmente um segmento da língua, como *-ware* em *hardware* em inglês, que foi estendido à terminologia da informática. Quando novas formas são criadas por analogia numa língua, conjuntos de algum tipo experimentam expansão. O processo leva a conjuntos maiores e, conseqüentemente, a maior regularidade na língua.